



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## IDENTIDADE, ETNICIDADE E ANGOLANIDADE EM ANTÓNIO CARDOSO.

**Darliane Rocha**

**UFBA**

[darlyufba@yahoo.com.br](mailto:darlyufba@yahoo.com.br)

a identidade  
ou  
o voo esquivo  
de passáros nocturnos  
em torno da lua

identidade  
é cor  
de burro fugindo.

*Arlindo Barbeitos*

O lugar das literaturas africanas ainda está em processo de consolidação de espaço seja no cenário cultural e também no meio acadêmico. Reformulações no currículo escolar trazem novas demandas e põe a África no centro das discussões no âmbito da cultura, nos desafiando a se não mergulhar nos estudos africanos, ao menos sair da zona de total desconhecimento de nossas matrizes culturais. O desvelar de África exige de nós uma disposição de construir uma reflexão que considere as semelhanças e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

diferenças de nosso universo multicultural, e libertos das amarras dos estereótipos e percepções enviesadas sobre África.

O desafio de pesquisar África por meio da literatura angolana me impulsiona a pensar uma jovem nação em um texto de António Cardoso que semeia o sonho de libertação e vai rompendo com as circunstâncias como afirma Fernando Mourão. Assim, esta literatura nos oferece apreensões de uma fase sócio-histórica de Angola ainda procurando seu caminho de produção em processo de construção.

Esta comunicação pretende analisar conceitos de identidade e etnia em contextos angolanos. Gostaria também de discutir o processo de formação da angolanidade considerando as representações construídas por António Cardoso em “A Fortuna”. O termo identidade vem passando por uma espécie de ampliação de sentido nos tempos globalizados, inclusive uma associação indiscriminada com questões raciais. Como afirma Gilroy (2007), este termo nos possibilita ir além do senso comum nas questões de comunidade, individualidade e solidariedade e a identidade inserida nas atividades de consumo, ressaltando a complexidade do termo e como identidade é uma questão política:

As mesmas qualidades inquietantes tornam-se evidentes quando o termo é empregado para articular temas controversos e potencialmente esclarecedores na teoria social e política moderna. A identidade tem sido um componente central no vocabulário acadêmico designado a promover uma reflexão crítica sobre quem somos e o que queremos. A identidade nos ajuda a compreender a formação daquele pronome perigoso: “nós”, e a levar em conta os padrões de inclusão e exclusão que ela mesma cria mesmo sem querer. Esta situação se torna ainda mais difícil, uma vez que a identidade é reconhecida como um problema em si mesmo, adquirindo assim uma importância adicional. O cálculo da relação entre identidade e diferença, entre similaridade e alteridade é uma operação intrinsecamente política. (GILROY, 2007, 125)

Em sua reflexão sobre o caráter político da identidade, Gilroy observou a potência dos laços de parentesco imaginários ao compor uma comunidade política, formando um estilo mais ativo de solidariedade. Esta forma de pertencimento tácito pode investir a identidade de poder e autoridade enquanto forma de organização política. Em *Identidade*, Bauman (2005) afirma que o problema está em não haver possibilidade de escolha a qual grupo identitário pertencer. Ao descrever os processos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de pertencimento, Bauman chamou atenção para as novas necessidades dos indivíduos em se tornar parte de um grupo como forma de fortalecimento político e até mesmo de sobrevivência, a exemplo das comunidades minoritárias como os imigrantes. Deparamo-nos com o processo de agrupamentos e associações como alternativa de fortalecimento político como pode ser notado em Luanda com as agremiações. Fazer parte dessas associações configurava a inserção do indivíduo como angolano.

Appiah (1997) sugere que as identidades africanas são uma coisa nova e que ainda estão em processo de formação e também considera a identidade uma questão política, mesmo considerando que a construção identitária é baseada em “ficção idealizadora”. Os discursos identitários que são partilhados se tornam reais e interferem nas dinâmicas dos campos culturais e econômicos.

Toda identidade humana é construída e histórica; todo o mundo tem seu quinhão de pressupostos falsos, erros e imprecisões que a cortesia chama de “mito”, a religião, de “heresia”, e ciência, de “magia”. Histórias inventadas, biológicas inventadas, afinidades culturais inventadas vêm junto com toda identidade; cada qual é uma espécie de papel que tem que ser roteirizado, estruturado por convenções de narrativa a que o mundo jamais consegue conformar-se realmente. (APPIAH, 1997, 243)

Em consonância com Appiah os versos de Barbeitos (2004) da epígrafe apreende uma possível definição de identidade que na visão do poeta não é algo estático e sim fluído como o voo de um pássaro quando ainda é noite e a visão não é completa. Os últimos versos definem identidade como cor de burro fugindo corrobora a visão da identidade angolana como ainda num processo de devir, no qual o passado colonial é ressonante, mas também de uma construção de literatura e identidade com elementos novos que mostram a força de reinvenção e da capacidade de trilhar novos caminhos que podem ser compreendidos no caráter híbrido compendiado na angolanidade.

Alfredo Margarido (1980) traça um panorama do processo de formação da literatura angolana. A primeira fase até 1961, com produções literárias que testemunhavam a relação de dependência de um modelo europeu da então metrópole. A



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

segunda fase da produção literária é marcada pelo nascimento de uma consciência nacional com temas relacionados ao combate do colonialismo português. António Cardoso está inserido nesta segunda fase da produção literária angolana que anuncia e convida ao combate ao colonialismo português, quando percebemos uma criação literária mais independente e composta de influências de outros modelos literários como o brasileiro. O angolano António Cardoso foi jornalista, poeta e escritor que tinha a prisão política como ambiente de sua produção literária inserida no projeto político marxismo-leninismo. O momento no qual *A Fortuna* foi escrita compõe a escrita de cárcere de Cardoso.

Inicialmente, António Cardoso configura em seus discursos uma busca pela formação da identidade nacional. No momento posterior, com textos produzidos na prisão são trazidas à cena as identidades culturais. A identidade nacional segundo a concepção de comunidade imaginada proposta por (ANDERSON, 1989, p.14) Dentro de um espírito antropológico, proponho, então, a seguinte definição para nação: ela é uma comunidade política imaginada - e imaginada como implicitamente limitada e soberana. Anderson destaca a identidade nacional como algo não intrínseco, mas construído e a identidade nacional advém da necessidade de reconhecimento interno e externo, com também da definição de pertencimento de um grupo ao Estado-nação em que a unidade justifica a sobreposição das diferenças internas. Em entrevista, António Cardoso afirma que ele e outros escritores angolanos se consideravam “nacionalistas”, pois partilharam da experiência colonial e das lutas por libertação. Podemos perceber que Cardoso faz uma diferenciação dos sentimentos de pertença de todos no momento posterior as guerras por libertação, no qual a angolanidade buscada por Cardoso e demais intelectuais angolanos começavam a florescer neles e através deles como afirmou em entrevista:

No fundo, sentia-me um indivíduo realmente incompreendido- eu e os outros todos. Sentíamos angolanos, já era outra coisa... A nossa tendência para a música, o nosso ritmo, nossas canções- inclusivamente bilíngües ou até em kibundo, que a maioria até nem sabia o que é que aquela letra diria... Mas era um outro mundo que, efectivamente, estava a crescer depois da guerra, dos 40 e tais.(LABAN, 1988. p. 338)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O relato acerca do sentimento de angolanidade partilhado em detrimento de algumas importantes diferenças como a língua e a música nos permite considerar que o anseio de unidade e fraternidade em Angola era predominante naquele momento político cultural. Na contemporaneidade, consideramos a identidade em uma perspectiva não essencialista construída por sistemas simbólicos ou como observa Anderson que as nações existem de acordo como são imaginadas e de acordo com o momento político-cultural nos quais as concepções estáticas vão se tornando cada vez mais fluídas e as velhas concepções de identidade são atualizadas e negociadas. A compreensão contemporânea de identidade nacional está distante da concepção de nação enquanto unidade política relacionada ao território ou estado-nação e contrária a concepção de identidade presente no colonialismo, que associa algumas questões essencialistas como forma de classificação e dominação. Considerando que as práticas de representação e produção de significação envolvem relações de poder para estabelecer o incluído e o excluído nos lugares “sociais” e nas relações de poder do cotidiano. Segundo Woodward a construção da diferença realizada por oposições binárias com estabelecimento de traços positivos e negativos em uma relação de alteridade em que se define quem somos “nós” e os “outros” os marginalizados.

As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições, como vimos no exemplo da Bósnia, no qual as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre “nós” e “eles”. A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação. (WOODWARD, 2009. p.41)

Os elementos diferenciadores considerados no estabelecimento das identidades formam sistemas classificatórios que segundo Woodward podem atuar no campo das diferenças identitárias mais pessoal como no caso dos conflitos entre Bósnios e Sérvios. E provocar contradições quando analisado em uma dimensão mais coletiva observada na declaração de um soldado sérvio que quando afirma “somos todos lixo dos Balcãs”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Antônio Cardoso traz uma narrativa repleta de representações de Luanda, capital de Angola, e suas configurações identitárias em um momento pré-independência e que se busca a identificação com a liberdade e por uma nação angolana. Em tempos de guerra e ausência de direitos civis e liberdade de expressão a escrita no cárcere atende a uma necessidade de “responder” num momento em que o autor estava na condição de preso político por mais de dez anos. As representações identitárias do texto em tela nos remetem a uma angola ainda buscando se distanciar do pensamento colonial arraigado no inconsciente coletivo dos personagens. O pensamento colonial que é etnocêntrico e dicotômico atuando na política, cultura e social e contribuindo para o estabelecimento da inclusão/exclusão baseado no estabelecimento da identidade através da diferença.

Em A **“Fortuna”**, as representações dos personagens trazem outros traços identitários com outras formas de reconhecimento que não se apoiam na nação, mas em agrupamentos transnacionais. As minorias étnico-raciais se configuram no texto em tela acompanhadas das implicações articuladas as questões de classe e gênero. Mudanças nas identidades nacionais podem ser percebidas com o enfraquecimento do discurso de unidade e homogeneidade da qual Hall nos faz lembrar: Esta formação de “enclaves” étnicos minoritários no interior dos estados-nação do Ocidente levou a uma “pluralização” de culturas nacionais e de identidades nacionais (HALL, 2000, p.83). Na contemporaneidade, a percepção das identidades nacionais é ampliada, a presença da diversidade cultural e do hibridismo cultural passa a integrar a concepção de pertencimento de uma identidade cultural.

A construção da novela configura-se em quatro espaços englobantes: o espaço preponderante da narrativa angolana, Os Musseques, o espaço doméstico, a repartição pública e o ambiente escolar. Estes espaços são carregados de carga simbólica e informacional que não apenas compõe a ambientação dos acontecimentos da narrativa, mas também constroem um “universo ficcional” repleto dos inconscientes coletivos que compõem o imaginário angolano. De forma conjunta estes espaços físicos acabam figurando também “espaços sociais” atribuídos aos personagens da narrativa.

A narrativa concentra-se num geoespaço marginalizado de Musseque, que o acentua de forma significativa a relação entre os personagens construídos e os espaços



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

por eles ocupados, além de estabelecer um ponto de identificação convergente entre os mesmos. Alguns desses personagens transitam por mais de um espaço no desenrolar da narrativa como Fortunato, Rosa e Alberto. A cidade de Luanda é composta por essas duas faces que representam colonizador e colonizado, na qual a Baixa é considerada como cidade dos brancos e o Musseque como cidade dos negros. Os Musseque representam muito mais que um bairro periférico, mas um ambiente de resistência política e articulação de ideais libertários e nacionalistas, isto é, um espaço de articulação política e celeiro de grandes intelectuais angolanos. Deparamo-nos também com a relação antagônica Baixa/Musseques que marca as diferenciações socioeconômicas, étnico-raciais e ideológicas.

Passaram a encontrar-se, à tardinha, algumas vezes, poucas, além das manhãs em que se acompanhavam, rumo à “Escola Comercial D. João II” ela,” Colégio da casa das Beiras”, ele. Aos domingos iam pela tardinha passear na “avenida luminosamente grande” (como ele fazia questão de dizer), de passeio relvado, ao meio, e bancos dispostos ao longo do percurso. Nesses bancos construíam o mundo, para, ao outro dia, reconstruí-lo novamente... Mas Rosa limitava-se, praticamente, a ouvir Alberto, um que outro protesto tímido, quando ele se referia as lutas, que desconhecia, guerras, cubanos, americanos, chineses, coreanos, franceses, soviéticos, vietnamitas, (ela ficava tonta) aquiescendo com a cabeça quase sempre, quando já estavam na fase “da nossa casa”: - mas tu acreditas mesmo em Angola, um dia... (CARDOSO, 2004, p.36)

Percebemos que os conflitos ideológicos e políticos compunham a dinâmica dos Musseques e seus moradores ansiavam em fazer parte de um país novo no qual se sentissem inseridos e pudessem denominar como “da nossa casa”. O momento histórico e político ao qual se insere A “**Fortuna**” é marcado por rupturas políticas contra a dependência colonial e busca por uma Angola livre. O sonho de uma Angola emancipada começa a ser delineado através da disseminação dos ideais libertários de escritores/intelectuais com suas produções literárias e também com ações de luta armada contra o colonialismo português. Inicia-se em 1951, a publicação da revista “Mensagem” como meio de divulgação das ideias libertárias provenientes do movimento “Novos Intelectuais de Angola”, também responsáveis pelo movimento literário “Vamos descobrir Angola” que juntamente com a fundação da Casa dos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Estudantes do Império, em Portugal pode ser considerada um grande divisor de águas para a produção literária angolana.

A revista Mensagem se destaca por estabelecer a modernidade da poesia angolana e implantar uma forma de expressão literária, agora concernente às demandas sociais angolanas. A intensificação das articulações políticas a repressão por parte do governo colonial aumenta consideravelmente levando muitos escritores/intelectuais angolanos a prisão. Em 1956, com maior organização política é fundado o Movimento Popular para a Libertação de Angola, MPLA e em 1957, ressurgiu o jornal Cultura e um fortalecimento da prosa angolana com destaque para Luandino Vieira, Arnaldo Santos, Costa Andrade, entre outros que na perspectiva de Abdala (2007), a intensificação da produção literária se torna um espaço prospectivo no qual a nacionalidade é (re)imaginada.

Para mais, ultimamente Alberto parecia cada vez mais estranho, com certas alusões a factos e certas alusões a factos e certas frases que a faziam desconfiar andar ele metido em... *confusões*... Até já lhe tinha dito, aflita: tenho medo, há tantas prisões, não quero ficar sozinha... Por favor Alberto, não faças qualquer asneira. Hoje na Escola soube que o pai de um colega meu foi preso pela PIDE. Uma minha colega é parente de um que está há uns anos preso, ela já conseguiu visitá-lo, parece na Casa da Reclusão, ali na Boavista, explicou-me há lá muitos, até velhos. (CARDOSO, 2004, p.85)

Juntamente com as ações de resistência ao colonialismo, a repressão e violência colonial se intensificam chegando à deflagração da luta armada em Luanda. Neste cenário, são fechadas as principais instituições culturais de Angola como Associação dos naturais de Angola e Cine-Clube de Luanda e muitos angolanos perdem a vida. Os difíceis anos 60 são marcados pelas prisões políticas como ocorreu com António Cardoso que produziu parte de sua obra literária no Pavilhão Prisional da Polícia Internacional e outros escritores também passaram anos em prisões.

Na representação do espaço doméstico, o valor da família aparece relacionado não somente aos referenciais de amor e religiosos, mas também explicita a importância do núcleo familiar no âmbito social. A personagem D. Engrácia atribui ao casamento



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

um meio de redenção social e moral, em seu caso especificamente que antes de conhecer seu marido Fortunato passou por diversas situações de desfavorecimento tanto financeiro quanto moral. Em meio à dinâmica de farras e envolvimento amorosos com um comendador, que logo depois de descobrir sua gravidez retorna para família em Lisboa. Além, dos problemas de saúde que enfrentou devido a seu envolvimento com o álcool e a impossibilidade de reincidir na prática do aborto comum a outras personagens da narrativa. D. Engrácia é uma personagem mais ligada ao ambiente doméstico e empenhada em fazer com que sua filha Rosa trilhasse diferentes caminhos dos seus e das meninas dos Musseques. Nessa conformidade, a fortuna de Rosa deveria ser preservada para garantir um bom futuro com um casamento com alguém que não pertencesse aos Musseques.

A repartição pública é um espaço no qual os conflitos de Fortunato são desencadeados pela forte presença do pensamento colonial. O personagem Fortunato um pacato funcionário público de meia idade e ávido por promoção profissional, que são geralmente oferecidas aos portugueses ou pessoas brancas. Desse modo, o estabelecimento de uma relação de amizade entre Fortunato e o Adjunto fora do ambiente de trabalho também apontam para um entrecruzamento das relações de poder. Deparamo-nos com o alargamento do exercício do poder colonial representado pelo Adjunto do ambiente público/externo para espaço domiciliar/interno.

Já o ambiente escolar nos é mostrado de forma a ressaltar o aspecto da pouca acessibilidade. Trata-se das acepções produzidas pelas condições socioeconômicas Rosa vai para escola e é incentivada a atividade intelectual. Em contraponto, Alberto completa o 7<sup>a</sup>. Ano no Liceu e mesmo manifestando desejo em prosseguir não lhe é dada a oportunidade para completar seus estudos. Esta situação suscita o agravamento da imobilidade social e cultural de Alberto que tem paixão pela leitura e sofre críticas e agravos por isso.

## **Considerações Finais**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A ponto como resultado da análise das representações construídas em A *“Fortuna”* o discurso identitário é construído de forma a contribuir para a elaboração de uma identidade nacional incipiente. A literatura de António Cardoso se destaca no processo de formação da identidade angolana como militante e por lutar com palavras. As representações presentes no romance angolano constroem uma Angola que busca unidade política e cultural, mas trazendo à baila os grupos minoritários étnico-raciais e de gênero que compõem as diferenças internas de uma identidade angolana

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. Introdução. In: **Nação Consciência Nacional**, Ática, São Paulo, 1989.

APPIAH, Antony Kwame. Identidades Africanas. In: **Na casa de meu pai**. Contraponto, Rio de Janeiro, 1997.

BARBEITOS, Arlindo. Angola, Angolê, Angolema. Luanda: Edições Maianga, 2004. (Biblioteca de Literatura Angolana)

BHABHA, Homi. “Raça”, Tempo e a Revisão da Modernidade. In: **O local da Cultura**. 2004.

BAUMAN, Zygmund. **Identidade: entrevista a Benetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARDOSO, António. *A “Fortuna”*. Luanda: Edições Maianga, 2004. (Biblioteca de Literatura Angolana)

DUTRA, Robson. O romance e o herói. In: **Pepetela e a Elipse do Herói**. União dos Escritores Angolanos, Luanda, 2009.

GILROY, Paul. Identidade, Pertencimento e crítica da similitude Pura. In: **Entre campos: Nações, culturas e o fascínio da raça**. Tradução de Celi Maria Marinho de Azevedo et al.- São Paulo: Annablume, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora e mediações culturais*. Liv Sovik (org.); Tradução Adelaine La Guardia Resende...[et al].- Belo Horizonte: UFMG, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

HENRIQUES, Isabel Castro. **A ideologia colonial e os africanismos portugueses. Percursos da Modernidade em Angola. Dinâmicas comerciais e transformações sociais no século XIX.** Lisboa, 1997

LABAN, Michel. Encontro com António Cardoso. In: **Encontro com Escritores.** Fundação Eng. António de Almeida, Luanda, 1988, p.332-359.

**Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa/** organizadoras Rita Chaves e Tania Macêdo. - São Paulo: Alameda, 2006.

MARGARIDO, Alfredo. **A literatura angolana: da descoberta ao combate.** In: Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa. Lisboa, 1980.

POTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Raça, Etnia, Nação.** In: Teorias da Etnicidade.

WALLERSTEIN, Immanuel. La construcción de los pueblos: racismo, nacionalismo, etnicidad. In: **Raza, Nación y Clase.** Gestión Editorial: 1991.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/** Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart hall, Kathryn Woodward. 9. Ed.- Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.